



O jornalismo explicativo no streaming: um estudo sobre a série “Explicando”, parceria do Vox com a Netflix¹

Letícia Brito Silva²

Marli dos Santos³

RESUMO

O artigo tem como objetivo identificar os elementos do jornalismo explicativo na série documental “Explicando” e sua relação com o gênero interpretativo. Também é objetivo da pesquisa analisar a série a partir da linguagem documental em audiovisual no ambiente das plataformas de *streaming*. Trata-se de um estudo de caso, no qual serão utilizadas as técnicas da pesquisa documental e análise de conteúdo de quatro episódios que constituem a amostra intencional. O principal resultado é que “Explicando”, enquanto série de reportagens documentais, suficientemente demonstra elementos explicativos no audiovisual, expondo com complexidade temas de importância global e trazendo uma alternativa à cobertura jornalística atual, focada na busca pelo factual e no gênero informativo.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo explicativo; Documentário jornalístico; Gêneros jornalísticos; Streaming; “Explicando”

INTRODUÇÃO

Lançada em maio de 2018, a série “Explicando” (*Explained*), uma produção do portal de notícias Vox em parceria com a plataforma de *streaming* Netflix, se propõe a realizar, a cada episódio, “um mergulho de 15 minutos em uma questão, ideia ou força importante que está moldando nossas vidas e impulsionando nosso mundo”⁴(VOX, 2018). O Vox, por sua vez, foi fundado em 2014 pelos jornalistas norte-americanos Ezra Klein (ex-The Washington Post), Matt Yglesias (ex-The Atlantic) e Melissa Bell (também ex-The Washington Post).

A proposta do Vox, de acordo com sua linha editorial e seu logo, é *explicar* as notícias. Na seção “Sobre nós” do portal, a linha editorial não resta dúvidas sobre a intenção da plataforma em informar o leitor em profundidade (2020). Importante destacar que o Vox é um veículo *nativo digital*, presente nas mais populares plataformas da Internet – *Youtube, Instagram, Twitter, Facebook, iTunes* (e posteriormente *Spotify*), além do próprio site. O canal do Vox no *Youtube*, criado em março de 2014, conta com mais de 2 bilhões de visualizações⁵.

¹ Artigo apresentado ao II01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em dezembro de 2020. **A ideia é criar uma nova versão para submeter o artigo a alguma revista científica.**

² Aluna do 2º ano do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: le.brt@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Profa. Dra. da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: msantos@casperlibero.edu.br

⁴ De acordo com o texto original, “each episode is a 15-minute dive into an important issue, idea, or force shaping our lives and driving our world”.

⁵ Total de 2.143.157.521 visualizações. Acessado em 14.09.2020.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Com esse pano de fundo, a série foi disponibilizada na Netflix para 191 países (KLEIN, 2018), com a proposta de levar para o *streaming* um material de cunho jornalístico e audiovisual, que equilibrasse a cobertura de factuais e profundidade na abordagem da notícia, levando em consideração fatores como: a permanência do conteúdo na plataforma, a abrangência do público e a duração de cada episódio.

O jornalismo explicativo, no entanto, não é um gênero em que o Vox pode ser considerado pioneiro – acadêmicos apontam o surgimento de matérias com conteúdo explicativo desde a década de 30 nos Estados Unidos. O Prêmio Pulitzer, por exemplo, expoente máximo das premiações entre jornalistas, criou em 1985 uma categoria de “Jornalismo Explicativo”, que foi substituída em 1998 por “Reportagem Explicativa”. Ainda assim, a tendência em apresentar conteúdos com o formato explicativo pode ser explicada por projetos como o da série “Explicando”, do Vox.

Em termos da linguagem adotada para a série, faz-se importante ressaltar que “Explicando” é disponibilizado em formato audiovisual, numa plataforma de *streaming* destinada a conteúdo de entretenimento – séries, filmes, desenhos animados. Um outro aspecto abordado é se o formato adotado se trata de um documentário ou então uma série de reportagens com elementos documentais?

Isto posto, tendo em vista a emergência do jornalismo explicativo, o presente artigo parte da seguinte questão: *como o jornalismo explicativo se expressa na linguagem documental audiovisual da série “Explicando”, produzida pela Vox e distribuída pela Netflix?* O objetivo principal é identificar os elementos do jornalismo explicativo na série documental “Explicando”, e sua relação com o gênero jornalístico interpretativo. Os objetivos específicos são: discutir os conceitos de jornalismo explicativo, comparando-o com correntes como o jornalismo contextual e o gênero interpretativo; contextualizar a série “Explicando” como produto editorial da Vox, distribuída pela Netflix; identificar as características da linguagem documental jornalística em ambiente digital. Para tanto, será realizado um estudo de caso, que segundo Yin é:

Uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. A investigação de um estudo de caso baseia-se em várias fontes de evidências e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. (YIN, 2001, p. 32)

A partir dessa abordagem metodológica, foram utilizadas as técnicas da pesquisa documental e bibliográfica, além da análise de conteúdo, para identificar os elementos explicativos em cada episódio selecionado. O *corpus* da pesquisa é composto por quatro episódios da série, coletados em duas temporadas e uma temporada *spin off*, a saber: “A diferença de riqueza entre brancos e negros” (2018); “Por que mulheres ganham menos?” (2018); “Bilionários” (2019) e “A próxima pandemia” (2019). A



justificativa para a escolha desses episódios está relacionada com a relevância dos temas, que obedecem aos critérios jornalísticos de atualidade, consequência e interesse humano (CHAPARRO, 1994).

Quanto à análise de conteúdo dos elementos explicativos que compõem a série, utilizamos como referência Bardin (2011), a qual pressupõe uma leitura flutuante do corpus da pesquisa, a criação de categorias de análise a priori e/ou a posteriori, levando em consideração a questão e os objetivos da pesquisa. A abordagem da autora é qualitativa, de modo que o foco será relacionar os dados com o contexto da série. As categorias adotadas são: 1) Tema; 2) Complexidade do assunto; 3) Contextualização (antecedentes históricos, espaciais e factuais); 4) Elementos de humanização no episódio; 5) Referências à pesquisa, arquivos ou outras fontes para corroborar a narrativa; e 6) Elementos explicativos na narrativa.

Os autores de referência são Forde (2007), em jornalismo explicativo; Schudson e Fink, em jornalismo contextual (2014); Marques de Melo (2010) para gênero jornalístico interpretativo; e Heidi Vargas (2009), para tratar da linguagem do documentário jornalístico.

JORNALISMO EXPLICATIVO: DIÁLOGOS COM O GÊNERO INTERPRETATIVO

A tradição de pesquisa de gêneros jornalísticos no Brasil surge com os estudos pioneiros de Luiz Beltrão, o qual identifica três categorias de gêneros: informativo, opinativo e interpretativo. Na perspectiva de Beltrão (1976), o gênero interpretativo possui como principal função aprofundar nos desdobramentos dos fatos e interpretá-los, o que nos remete ao formato reportagem. Marques de Melo (1985), nos seus estudos na década de 1980, ao revisar a proposta teórica de Beltrão, propõe a divisão dos gêneros jornalísticos em Informativo e Opinativo, alegando que a interpretação seria inerente ao formato reportagem, do gênero informativo.

Os gêneros jornalísticos podem ser compreendidos como uma convenção social, (HARRO, 2000, *apud* MARQUES DE MELO; ASSIS 2010). E, neste ponto, a classificação das diferentes manifestações jornalísticas em gêneros pode auxiliar na identificação das mensagens e da estrutura em que essas mensagens são apresentadas ao leitor, também fazendo com que os possíveis métodos adotados para que essa informação seja passível de análise e de classificação.

As classificações dos gêneros jornalísticos, no entanto, não são permanentes. É possível atribuímos as mudanças nos gêneros à evolução dos meios, com o passar do tempo e da tradição. Neste ponto, as diferentes classificações estariam ligadas com a geografia, com o contexto econômico, social, político e cultural, com as correntes de pensamento e ainda com as noções de objetividade e neutralidade. Além disso, importante ressaltar que não haveria uma unidade textual (ou visual) “pura”, sendo possível



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

que determinado produto jornalístico – seja ele no formato de texto ou audiovisual – carregue em si mais de um propósito comunicativo, fazendo com que a categorização seja mais um elemento auxiliar que uma distinção estanque e definitiva. Marques de Melo, por sua vez, parte do pressuposto teórico de que os gêneros jornalísticos só podem ser estudados em seu contexto midiático, em sua dinâmica como prática, sendo que as “unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como gêneros, extensão que se divide em outras, denominadas formatos, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas tipos”. (2010, p.35)

A nova proposta do autor apresenta cinco gêneros na atualidade: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário, com funções sociais diferenciadas: “informativo: vigilância social; opinativo: fórum de ideias; interpretativo: papel educativo, esclarecedor; diversional: distração, lazer; utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas”. (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p 49).

No que se refere ao gênero interpretativo, poderíamos depreender que o caráter educativo está também na explicação dos fatos. Não à toa, o autor apresenta os formatos dossiê, perfil, enquete e cronologia. Destacamos entre eles o “dossiê”, que se constitui um “mosaico” de dados, composto por gráficos, mapas, tabelas, portanto elementos explicativos do fato; e a “cronologia”, como formato jornalístico que facilita o entendimento do leitor ao ilustrar o fato. Essa forma de caracterizar o gênero interpretativo encontra eco no jornalismo explicativo.

O jornalismo explicativo vem de uma tradição norte-americana, intitulada “*explanatory report*”. Forde (2007) nos narra que, no decorrer da década de 1920, o crescimento da propaganda de governo no pós-Primeira Guerra Mundial fez com que, em resposta, os veículos jornalísticos adotassem uma abordagem objetiva às reportagens, separando fatos de opiniões, dando ênfase a uma neutralidade na cobertura e se utilizando de métodos como a pirâmide invertida, popularizando um tipo de cobertura jornalística que é dominante até hoje.

Com o passar dos anos e o desvelar de importantes acontecimentos históricos e culturais no século XX, o mundo se viu não apenas mais conectado, mas também mais complexo (FORDE, 2007, p. 231). Além disso, avanços na tecnologia das comunicações, com a popularização da radiodifusão e das revistas, fizeram com que os jornais reagissem de alguma maneira aos novos *players* do mercado, trazendo então às suas redações a demanda por maior compreensão dos fatos por parte do público. Neste contexto, em meados da década de 30, começam a surgir as primeiras matérias com conteúdo explicativo, trazendo aos jornais reportagens mais longas e detalhadas, deixando um pouco de lado a objetividade e o protagonismo do factual (quem, onde, quando) para centralizar em sua contextualização (como e por quê).



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Na década de 1960, com a efervescência dos movimentos políticos, de conflitos como a Guerra do Vietnã e também da popularização da televisão (que já havia iniciado na década anterior), Fink e Schudson (2014, p. 08) narram que o jornalismo, neste momento, passa por uma “mudança de chave”, adotando uma cobertura mais agressiva na editoria de política, que até então era focada em pautas mais descritivas e menos contextualizadas. Esse movimento fez com que, novamente, reportagens dispusessem de mais espaço dentro do jornal, ficando mais longas e apresentando um conteúdo que atendessem à necessidade de explicação do contexto dos acontecimentos.

Outro fator importante para a mudança de paradigma da época é o crescimento de editorias até então pouco exploradas nos jornais e descontextualizadas do cenário político e do debate público – como saúde, ciência, negócios, cultura e também reportagens no formato de perfil. Essa mudança no jornalismo potencializou mais uma vez o jornalismo explicativo e correntes semelhantes a ele – como o jornalismo investigativo e o jornalismo contextual. Em estudo de Schudson e Fink (2014), cerca de 90% das notícias de capa do The New York Times que tratavam de agendas políticas possuíam conteúdo meramente descritivo no início da década de 1960. Na década de 1990, a proporção caiu para cerca de 20%.

Hoje, no meio digital, a discussão acerca do jornalismo explicativo ganha um novo fôlego. Isso porque, se de um lado há o espaço ilimitado para produção de conteúdo disponibilizado pela Internet (o que resolve a discussão de redações por espaço para as reportagens), de outro a velocidade da informação faz surgir a necessidade de conhecimento dos fatos *no exato momento em que eles ocorrem*. Neste contexto, é possível verificar uma tendência, por parte dos grandes veículos de comunicação, de disputarem a audiência a partir do jornalismo de cobertura – ou seja, do protagonismo pela descrição objetiva dos fatos quando eles ocorrem (DOCTOR, 2014). E essa disputa pelo *Breaking News* é potencializada num momento em que redações estão cada vez mais enxutas, não havendo recursos ou pessoal para desenvolver “grandes reportagens” ou “reportagens de fôlego”, que poderiam auxiliar na contextualização dos assuntos.

ELEMENTOS DO JORNALISMO EXPLICATIVO

De acordo com Forde, o jornalismo explicativo é aquele que dá ao leitor uma “*explicação e interpretação de eventos complexos e fenômenos localizados em um contexto social, político e cultural*” (2007, p. 227). E, neste sentido, reportagens ou demais formatos jornalísticos que adotam elementos explicativos priorizam a compreensão do espectador/leitor à temática. Assim, enquanto reportagens convencionais adotam a documentação e a explicação dos eventos através da ênfase ao fato, a proposta do



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

jornalismo explicativo, para alcançar essa ampla compreensão, é adotar linguagem preferencialmente narrativa e uma certa “consciência modeladora” nas histórias, afastando o expectador/leitor de uma objetividade rígida, ao passo que o conteúdo é conduzido pelo jornalista pela narrativa. E seria essa “consciência modeladora” que atenuaria a distância entre a subjetividade do jornalista e o mundo objetivo que se tenta explicar (FORDE, 2007 *apud* HARSTOCK, 2000, tradução nossa).

Neste ponto, o tom predominantemente narrativo de reportagens explicativas traz ao expectador/leitor uma esfera de intimidade e proximidade com o conteúdo, o que auxilia na hora de estabelecer paralelos que possibilitam a compreensão do assunto. Os critérios estabelecidos pelo Prêmio Pulitzer também auxiliam na identificação do que comporia uma reportagem com elementos explicativos (FORDE, 2007). O prêmio, neste sentido, é destinado às reportagens cujo conteúdo “*ilumina um significativo e complexo assunto, demonstrando maestria deste, escrita lúcida e apresentação clara, usando qualquer ferramenta jornalística*”⁶ (PULITZER, 2020, grifo nosso).

Por fim, Marques de Melo, classificando o jornalismo interpretativo⁷, também cita como características o aprofundamento na história, a presença de antecedentes (temporais, espaciais e do fato), contextualização e humanização, além de suporte de pesquisas bibliográficas e de arquivo:

Para transformar uma notícia em reportagem interpretativa, usa-se três direções. A primeira é articular. A segunda direção é a valorização do humano no fato jornalístico no sentido de conduzir o relato a um nível de generalização capaz de encontrar as preocupações do conjunto do público, fazendo-o reviver a história como se ele próprio fosse o herói. E, por fim, uma aproximação da informação jornalística com a informação científica, entendida como um quadro de referências criteriosamente reconstituído, e com suporte em pesquisas bibliográfica e de arquivo. (MARQUES DE MELO, 2010, p. 110)

REPORTAGEM E LINGUAGEM DOCUMENTAL

De acordo com Muniz (2001), citado por Vargas (2009, p. 154) linguagem é “o formato narrativo a que você se obriga a partir dos equipamentos de registro que você utiliza”. Neste sentido, a série “Explicando”, disponibilizada na plataforma da Netflix, propõe que os elementos do jornalismo explicativo – já aplicados nos textos disponíveis no portal do Vox – sejam transportados ao *audiovisual*, de

⁶ Em inglês, “*For a distinguished example of explanatory reporting that illuminates a significant and complex subject, demonstrating mastery of the subject, lucid writing and clear presentation, using any available journalistic tool, Fifteen thousand dollars (\$15,000).*”

⁷ Reitera-se, neste ponto, que o gênero “interpretativo” não seria ligado à análise do interlocutor (o que estaria presente no jornalismo opinativo), mas sim a um “um modo de aprofundar a informação” com o fim principal de “relacionar a informação da atualidade com seu contexto temporal e espacial”, tendo “um sentido conjuntural” não se limitando a “dar conta do que acontece, já que o jornalista interpreta o sentido dos acontecimentos” (MARQUES DE MELO, 2010, *apud* DIAS *et al*, 1998, p. 8). Portanto, podemos concluir que, neste sentido, tais características do gênero interpretativo podem ser associadas ao explicativo.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

modo que cabe realizar uma análise acerca da natureza do produto ali disponibilizado e de que forma o jornalismo explicativo é presente no audiovisual.

Dentre os diversos gêneros da produção audiovisual, podemos elencar, para os fins da presente pesquisa, o documentário e a reportagem. Neste ponto, cabe realizar uma diferenciação dos dois, ao passo que entendemos que o “Explicando” pode ser compreendido como uma série de reportagens do tipo documental, também denominada “grande reportagem”.

Primeiramente, Vargas (2009) apresenta que o jornalista e o documentarista se pautariam por princípios distintos: o jornalista tem o compromisso de transportar o espectador ao acontecimento, pelos elementos narrativos próprios da linguagem audiovisual e a partir de alguns padrões já consolidados, sendo a imagem meramente ilustrativa na reportagem, sendo o *fato* o gancho que conecta a obra aos seus outros elementos; o documentarista tem liberdade para construir sua narrativa, com ênfase na *imagem* enquanto articuladora dos demais elementos do documentário com uma carga de sentidos e representações mais amplas - a autoria surge como um indicativo essencial para a compreensão, havendo um menor compromisso com a objetividade.

Assim, se no documentário as imagens possuem um viés conotativo, ou seja, possuem a necessidade de representar e relacionar, na reportagem jornalística elas possuem função denotativa, mostram, indicam e confirmam o que é dito (VARGAS, 2009, p. 159).

Acerca dos tipos de reportagem no audiovisual, Sodré e Ferrari, citados por Vargas (2009, p. 154), elencariam três tipos: *reportagem dos fatos*, que prioriza o relato objetivo dos acontecimentos e é narrada em sucessão por ordem de importância; *reportagem de ação*, que está baseada num relato mais movimentado e que se inicia pelo fato mais atraente para atrair o leitor; por fim, a *reportagem documental*, que apresenta os elementos de maneira objetiva e é acompanhada de citações que complementam e esclarecem o assunto. A reportagem documental, que também é chamada de *grande reportagem*, estaria próxima da pesquisa, ao passo que, na maioria dos casos está apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquirindo um tom pedagógico.

E é em razão desta categorização que podemos compreender o “Explicando” como uma série de reportagens do tipo *documental* – possui objetividade na exposição do tema (quando comparada ao documentário), há um conjugado de elementos que auxiliam na condução da narrativa (entrevistas com especialistas, infográficos, pesquisas, depoimentos, dados) e, sobretudo, os episódios, ao se utilizarem do gênero explicativo, possuem uma finalidade didática e pedagógica, a fim de contextualizar e explicar determinado fenômeno.



A ANÁLISE DA SÉRIE “EXPLICANDO”

Para análise de conteúdo do *corpus* da pesquisa, foi criada uma planilha com categorias de análise que refletissem elementos explicativos anteriormente coletados pela pesquisa bibliográfica, destacando: 1) Tema; 2) Complexidade do assunto; 3) Contextualização (antecedentes históricos, espaciais e factuais); 4) Elementos de humanização no episódio; 5) Referências à pesquisa, arquivos ou outras fontes para corroborar a narrativa; e 6) Elementos explicativos na narrativa.

1. “A diferença de riqueza entre brancos e negros” (2018)

A relevância e a complexidade do tema, elementos de reportagens foco do jornalismo explicativo (FORDE, 2007), estão no fato de que o episódio não trata apenas do racismo e da desigualdade racial dos Estados Unidos. Na verdade, o tema ganha complexidade pois trata do racismo estrutural presente na história americana desde o período escravista, sendo lastreado por um amplo aparato legal e políticas públicas que criaram barreiras para que negros ascendessem economicamente como os brancos.

Diante da complexidade do tema, o episódio procura contextualizar, primeiramente, como riqueza é obtida e mantida nos Estados Unidos – majoritariamente, através de propriedade. A partir disso, também são contextualizadas as leis e a dinâmica cultural e arranjos políticos que impediram negros de frequentarem e adquirirem propriedades em bairros de classe média (brancos), interferindo diretamente na desvalorização de casas e bairros de famílias negras e também na dificuldade de obtenção de crédito imobiliário, até o fim dos anos 60. Também se contextualizado a consequência de tais medidas, como a dificuldade de famílias negras escaparem de bairros violentos e periféricos, terem melhores ofertas de emprego (considerando a distância entre bairros e o centro) e também de capitalizar sobre os próprios bens – neste ponto, o episódio ilustra como funcionam os juros compostos. Além de contextualizar momentos históricos como as medidas de abertura de crédito com o New Deal (plano de recuperação econômica) após a crise de 1929 e a crise dos empréstimos *subprime* (empréstimos hipotecários de alto risco), em 2009 – que prejudicaram principalmente famílias negras – o episódio discorre acerca da dificuldade de jovens negros após a universidade ascenderem economicamente de maneira geral, considerando que sua rede de contatos (famílias e amigos) não possui condições de auxiliá-los.

Em termos de fontes, o episódio apresenta depoimentos com personalidades como o Senador dos Estados Unidos Cory Booker, Beth Jacobson, especialista em imóveis e a autora e historiadora Mehrsa



Baradaran. A narração do episódio é da atriz Samira Wiley⁸, uma mulher negra que ficou famosa pela personagem *Poussey*, da série *Orange is the New Black* (série exclusiva da Netflix), popular entre jovens e que trata, dentre outras temáticas, do aprisionamento de mulheres negras. Ademais, há a presença de infográficos e estatísticas em todo o episódio demonstrando dados e informações como: a diferença de renda entre famílias brancas e negras dentro do espectro da classe média; o crescimento da desigualdade entre brancos e negros desde o século XX; como funciona, na prática, a capitalização de um imóvel com os anos; ilustração de diversas casas sendo pintadas com uma mancha vermelha que ilustra o “*redlining*” – prática utilizada por órgãos imobiliários de pintar casas de bairros negros, delimitando áreas de risco.

Já os elementos humanizados surgem em momentos quando, por exemplo, o depoimento Cory Booker, que surge como especialista na maior parte do episódio, também fica pessoal, ao passo que ele narra como os próprios pais “enganaram” os agentes imobiliários para que pudessem comprar uma casa num bairro branco, e conta como isso auxiliou no crescimento econômico da família. Durante o depoimento, são mostradas imagens de Cory na casa em momentos diferentes da vida, com o intuito de sensibilizar o espectador. Outrossim, a vinheta de abertura é iniciada com uma montagem de imagens caseiras ou de propagandas que mostram comunidades negras através dos anos, com trechos de discursos de personalidades afro-americanas Martin Luther King (é tocado um trecho de “*I Have a Dream*”), e de James Baldwin.

Por fim, o episódio estabelece, em sua narrativa, uma pergunta central, introduzida antes da vinheta de abertura e que será respondida ao longo do episódio. No caso, a pergunta é: “*E essa diferença entre brancos e negros segue crescendo, e crescendo... Por quê?*”

2. “Por que mulheres ganham menos?” (2018)

A relevância e complexidade do tema também residem no fato de que o episódio evidencia a diferença salarial entre homens e mulheres, um problema estrutural. E, diferentemente do episódio sobre diferenças entre brancos e negros, desta vez o episódio contextualiza essa diferença entre homens e mulheres em diversos países do mundo – o que também condiz com o perfil da Netflix e com o público consumidor quando consideramos que a série foi produzida com o intuito de ser disponibilizada para um mercado global (KLEIN, 2018).

⁸ Neste ponto, a escolha das personalidades que narram os episódios importa ao passo que consideramos que o “*Explicando*” vai ao ar na Netflix, plataforma cujo público é majoritariamente jovem e cuja escolha vai ao encontro do perfil consumidor. Esse padrão se repete em outros episódios, como veremos a seguir.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

De todo modo, o episódio contextualiza a complexidade do tema, expondo que a diferença salarial entre homens e mulheres tem origem em desigualdades oriundas de práticas culturais profundas na sociedade americana e ocidental, ao passo que também são destacados fatores como o arcabouço legislativo que subsidiam práticas discriminatórias; o fato de que, culturalmente, mães criam os filhos (o que faz com que essa discriminação hoje ocorra mais com mulheres que são mães); discussões sobre o papel de homens e mulheres na composição da família e em postos de comando na política.

Em relação às fontes, todos os depoimentos que aparecem no episódio são realizados por mulheres – como Hillary Clinton, ex-secretária de estado dos EUA e que notoriamente sofreu ataques misóginos na campanha presidencial de 2016; Valentine Rugwabiza, embaixadora de Ruanda para a ONU, e Katrín Jakobsdóttir, primeira-ministra da Islândia. Outrossim, destacando a abrangência global do tema, no decorrer do episódio são citados estudos de diversos países sobre o assunto (há uma sequência de imagens em que são expostos excertos de diversos estudos em diferentes línguas, a fim de evidenciar tal informação) e, por fim, são contextualizadas as histórias de dois países que conseguiram diminuir a diferença salarial através de políticas públicas: a Islândia e Ruanda. Há depoimentos com autoridades locais e as leis criadas (no caso, licença maternidade/paternidade e uma nova constituição com leis rígidas de igualdade de gênero, respectivamente) também são pormenorizadas e a sua sistemática é explicada. São dispostos infográficos que demonstram diferenças salariais em diferentes países além de outras ilustrações. Um caso interessante é a composição de um infográfico que ilustra a trajetória de um casal jovem no mercado de trabalho. Cada um está sobre uma barra (representando o topo da barra de um gráfico). A partir da decisão de ter filhos e as consequências dessa decisão, as barras começam a se desequilibrar, ilustrando como a diferença ocorre, com a imposição de desafios e atividades extras para a mulher e o homem sendo promovido com o passar dos anos, pela experiência e dedicação exclusiva ao trabalho.

Em termos de humanização, há diversos momentos em que são transmitidas montagens com imagens e vídeos de mulheres ascendendo a cargos, trechos de manifestações de mulheres, imagens de mulheres de diferentes etnias, fazendo com que espectadoras se identifiquem com as histórias. Outrossim, Hillary Clinton participa do episódio como especialista, mas também como personagem, narrando em determinado momento sua infância e os desafios que ela e sua mãe presenciaram no mercado de trabalho. Outro fator importante e que insta ser levado em consideração, tendo em vista o perfil da audiência do Netflix, a escolha da voz que narra o episódio, que é da atriz norte-americana Rachel McAdams, famosa pelo papel de Regina George no filme adolescente "Meninas Malvadas" (2004), comédia adolescente que trata do universo de jovens mulheres.



Por fim, a questão central exposta na narrativa, e que é explicada suficientemente explicada durante o episódio é: "*Se não é apenas por discriminação, por que as mulheres no mundo todo recebem tão menos que os homens?*"

3. Bilionários (2019)

A complexidade do episódio reside na análise do porquê há tantos bilionários no mundo e como esse excesso de renda ocorre, ao passo que o tema se relaciona à superação da extrema pobreza no mundo, mas também as *boom* das corporações de tecnologia e o monopólio de algumas empresas - como o Facebook e a Amazon. O assunto ganha ainda mais o interesse público ao discutir as relações de trabalho no mundo – em que grandes corporações lucram ao contratar mão de obra barata em países periféricos; problemas como a evasão de impostos em paraísos fiscais e a questões sobre a falta de taxação de investimentos em detrimento da alta taxação da renda, trazendo uma discussão ampla e global acerca de temas como mercado, superação da extrema pobreza, capitalização de lucros, tributação, crimes fiscais ao redor do globo e desigualdade social.

O tema é satisfatoriamente contextualizado ao apresentar antecedentes históricos sobre a capitalização das primeiras grandes empresas nos Estados Unidos (como a dos primeiros grandes bilionários, Rockefeller e Carnegie); a ascensão da China no mercado global e também na superação da própria pobreza em menos de 30 anos, razão pela qual empresas de tecnologia estão criando os novos bilionários; quais os impactos da evasão fiscal de grandes fortunas; e como a legislação norte-americana e de outras nações trata tal tipo de tributação, além de condutas criminosas como lavagem de dinheiro e a instauração de empresas *off shore* (fora do país).

O episódio é lastreado por muitos infográficos que explicitam como funciona a capitalização de lucros de grandes empresas e outros assuntos – são desenvolvidos gráficos, estatísticas, ilustrações, extratos de leis, dentre outros. Os depoimentos acontecem com especialistas e personalidades que discutem grandes fortunas – como o senador Bernie Sanders, Luisa Kroll, editora da Forbes e o economista chinês Yasheng Huang.

Os elementos de humanização do episódio estão presentes nos momentos em que a trajetória de diversos bilionários é demonstrada e ilustrada, como os já mencionados Rockefeller e Carnegie, o jogador de basquete Michael Jordan, e há o depoimento de Mark Cuban, empresário bilionário, e de Abigail Disney, neta de Walt Disney.



A narração do episódio é realizada pela atriz Maggie Siff, famosa por seus personagens na série *Mad Men* (que reflete o *boom* do mercado publicitário predatório nos Estados Unidos) e *Billions*, sobre bilionários.

Por fim, as perguntas postas na narrativa e que são respondidas no decorrer do episódio são: *"Por que há mais bilionários do que nunca? E eles são bons ou maus para o mundo?"*

4. A próxima pandemia (2019)

O presente episódio foi disponibilizado na segunda temporada da série, que estreou em meados de 2019 – curiosamente, alguns meses anteriormente à epidemia do novo coronavírus. E a relevância do tema, tendo em vista que o presente artigo é escrito em 2020, parece suficientemente comprovada, ao passo que a discussão global sobre a importância de políticas de pesquisa e incentivo em saúde pública pode ajudar a conter danos e morte no caso de um surto de uma pandemia a partir de um vírus desconhecido.

De todo modo, o episódio contextualiza o que é uma pandemia e traz antecedentes históricos e espaciais das primeiras pandemias sofridas pela sociedade e quais aspectos que fizeram com que elas se alastrassem por diferentes regiões do mundo, traçando um histórico desde a peste bubônica até o surto de H1N1 e da SARS-COV-1, no início do século XXI. Também é contextualizado o histórico das vacinas, como elas surgiram, como funciona seu mecanismo de defesas – todas essas contextualizações são feitas a partir de animações (sobre, por exemplo, como funciona o contágio e as mutações de um vírus), infográficos e ilustrações.

A humanização do episódio está contida na narrativa dos casos 0 de algumas pandemias, como uma suposta fazenda no Kansas que pode ter dado origem ao surto de H1N1 até o “paciente zero” do contágio global da SARS-COV-1, que teria ocorrido em um hotel em Hong Kong.

Dentre as fontes entrevistadas, estão médicos do hospital Mount Sinai, um dos principais no hemisfério norte, além do empresário Bill Gates, cujo instituto financia pesquisas em saúde. O episódio é narrado pelo ator JK Simmons, vencedor do Oscar pela sua atuação no filme *Whiplash*, em busca da perfeição, de 2014.

A pergunta central que é exposta ao público no início da obra e respondida ao decorrer do episódio é: *“A pergunta não é: quando virá a próxima pandemia, a pergunta é: estaremos prontos para ela?”*



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo identificar os elementos explicativos na série “Explicando”, produzida pela Voz e distribuída pela Netflix, relacionando aspectos do jornalismo explicativo e do gênero interpretativo. A discussão teórica acerca do jornalismo explicativo revela que o jornalismo explicativo (enquanto gênero) pode ser considerado uma tendência, mas que está presente pelo menos desde a década de 1930 em veículos jornalísticos. Foram destacados os principais elementos de uma reportagem explicativa, os quais foram identificados nos episódios selecionados. Por fim, os episódios se mostraram condizentes com as características identificadas na bibliografia consultada

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1994. DOCTOR, K. **‘Jornalismo explicativo’ ganha força na web**. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/grande-pequena-imprensa/ed810_jornalismo_explicativo_ganha_forca_na_web/> Acessado em 12.09.2020.

DOCTOR, Ken. **‘Jornalismo explicativo’ ganha força na web**. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/grande-pequena-imprensa/ed810_jornalismo_explicativo_ganha_forca_na_web/> Acessado em 12.09.2020.

FINK, Katherine; SCHUDSON, Michael (2013) **The Rise of Contextual Journalism**. Sage Publications: Journalism 2014, Vol 15(1) 3-20 DOI: 10.1177/1464884913479015

HOEWELL, Gabriel Rizzo. **O jornalismo explicativo multiplataforma no jornal Nexo**. 2017. Artigo apresentado no 8º Congresso Internacional de Ciberjornalismo – Ciberjor. Disponível em <http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor8/files/2017/08/artigoCIBERJOR_gabrielhoewell.pdf> Acesso em 12.10.2020.

KLEIN, E. **Vox’s Netflix show “Explained,” explained**. Disponível em <<https://www.vox.com/2018/5/23/17353474/netflix-vox-explained>> Acessado em 11.09.2020.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____; ASSIS, F. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista de São Paulo, 2010. Edição do Kindle.

_____; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>. Acesso em 15.08.2020.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

PULITZER. **The Pulitzer Prizes**. Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/prize-winners-by-category/207>>
Acessado em 12.09.2020.

VALLS, Pedro Bermon. **Jornalismo Explicativo: a trajetória da explicação na prática jornalística e sua presença na contemporaneidade**. 2019. 91 p. Trabalhos de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão – CCE, Departamento de Jornalismo, Florianópolis, SC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204257>>. Acesso em 15.08.2020

VARGAS, Heidy. **Globo-Shell Especial e Globo Reporter (1971-1983): as imagens documentárias na televisão brasileira**. 2009. 266 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284091>>. Acesso em: 01.10.2020

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOUTUBE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Vox/>> Acessado em 14.09.2020.